

Histórias de alfabetizadores de Patos de Minas-MG

Literacy teachers stories from Patos de Minas-MG

Edite da Glória Amorim Guimarães

Aluna egressa do curso de pedagogia da FAFIPA/UNIPAM; Professora do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM); Mestre em Educação.

E-mail: edite@unipam.edu.br

Resumo: Esta pesquisa tem como objeto de estudo a história de alfabetizadores de Patos de Minas-MG. A pesquisa situou-se no campo da história oral de vida como método de trabalho investigativo. Dessa forma, por meio de entrevistas com quatro alfabetizadores de escolas públicas, estaduais e municipais urbanas e rurais, procuramos desvelar e compreender suas histórias de alfabetizadores. Assim, trabalhamos com as concepções atuais sobre a história oral como instrumento de pesquisa. No que diz respeito aos modos de alfabetização construídos pelos alfabetizadores, buscamos algumas concepções que marcaram os procedimentos metodológicos nos últimos 30 anos. Apresentamos quem são os alfabetizadores de Patos de Minas e como se constituíram ao longo de sua trajetória pessoal e profissional. A reflexão sobre a arte do fazer escolar nos ajudou a pensar, analisar e compreender os modos de alfabetização utilizados na escola, mais especificamente desvelamos as vitórias, as conquistas, ao longo de suas carreiras no trabalho de sala de aula. Assim, cruzamos as narrativas dos alfabetizadores com a literatura da área para compreendermos as experiências produzidas por esses profissionais.

Palavras-chave: Alfabetizadores. Histórias. Alfabetização.

Abstract: This research has as object of study the literacy teachers' stories from Patos de Minas- MG. The research took place in the oral life story as the method of this investigation. This way, through interviews with four teachers from public schools, state and municipal, urban and countryside schools. So, we work with the current concepts of oral history as a research tool. With regard to literacy methods built by literacy teachers, we analyzed some relevant methodological procedures in the last 30 years. What says about the ways of teaching built by the teachers, we looked for some conceptions that marked the methodological procedures for the past 30 years. We showed who are these teachers and their personal and professional trajectory. The reflection on the art of schooling helped us to think, analyze and comprehend the ways of teaching used at schools, more specifically figuring out the victories, conquers, through their careers on the class work. So that, we compared the dialogues of the teachers with the reference books to comprehend the experiences produced by these professionals.

Keywords: Literacy Teachers. Stories. Literacy.

1 Considerações iniciais

Este trabalho de investigação tem como tema central o estudo, por meio das histórias de vida dos alfabetizadores de Patos de Minas, dos seguintes aspectos: como e em que lugares eles construíram seus saberes e práticas de alfabetização. Nesse sentido, interessou-nos desvelar as representações, a subjetividade, e elucidar em que medida os saberes construídos na formação inicial e continuada influenciaram suas práticas de alfabetizar.

A pesquisa situou-se no campo da história oral de vida, pois entendemos que sendo pessoas os alfabetizadores, a forma como se alfabetizaram e realizaram sua formação inicial e continuada está relacionada, diretamente, à maneira de ser de cada um, às suas representações e subjetividades, ao ofício de ser mestre.

Reconstruir as trajetórias de vida, tomando como referência suas narrativas, via memória, significou recuperar os diferentes sentidos e significados que os sujeitos da pesquisa deram às suas experiências vivenciadas.

Assim, a pesquisa nos possibilitou realizar reflexões sobre vários pontos que nos instigavam e que buscamos compreender: quem foram os alfabetizadores de Patos de Minas? Como e em que lugares os alfabetizadores construíram seus saberes e práticas e que sentido deram e dão ao processo de alfabetização? Que marcas a trajetória pessoal e profissional deixou nos alfabetizadores, sujeitos envolvidos nesta pesquisa, tendo como ofício alfabetizar?

Essas questões nos levaram a identificar nas narrativas dos alfabetizadores parâmetros que direcionaram a investigação, de modo a nos proporcionar alguns esclarecimentos e, às vezes, reflexões sobre dúvidas que surgiram.

Dessa forma, quando construímos nossos saberes e práticas, estamos fazendo história, pois, como afirma Fonseca,

os sujeitos constroem seus saberes permanentemente, no decorrer de suas vidas. Esse processo depende e alimenta-se de modelos e espaços educativos, mas não se deixa controlar. Ele é dinâmico, ativo e constrói-se no movimento entre os saberes trazidos do exterior e o conhecimento ligado à experiência. Ele é histórico não se dá descolado da realidade sociocultural (2002, p. 89).

Assim, a análise das histórias de alfabetizadores de Patos de Minas não pode ser realizada sem nos referirmos aos sujeitos, ao tempo, aos saberes, à prática, à forma, aos lugares em que os alfabetizadores viveram e construíram seu percurso profissional. Consideramos, segundo a pesquisa bibliográfica sobre as histórias de vidas, o que veio somar às nossas crenças, que os alfabetizadores são, também, produzidos pelo contexto social, histórico e cultural em que estão inseridos. Dessa forma, construímos possibilidades de conhecê-los, a partir das experiências vividas, considerando que estas, por sua vez, são resultados do contato que o sujeito tem com o mundo.

2 Os sujeitos e suas histórias

Todos os atores envolvidos realizaram sua prática de alfabetizar no município de Patos de Minas, atuaram na rede pública estadual e municipal de ensino; uma alfabetizadora, além de trabalhar na rede pública estadual, atuou, também, na rede particular de ensino.

Consideramos relevante apresentar quem são os colaboradores deste estudo, fazendo um breve relato que possibilite ao leitor o conhecimento de algumas variáveis importantes sobre a trajetória pessoal e profissional de quatro alfabetizadores. Assim, conhecer melhor o contexto em que cada alfabetizador desenvolveu a sua vida profissional. Destacaremos, também, dados importantes relacionados à prática de alfabetizar vivenciada pelos colaboradores, que podem dar uma noção da vivência com a alfabetização em suas respectivas histórias. Nesse aspecto, tornou-se necessário destacar que todos/as possuíam ampla experiência na docência nas séries iniciais do Ensino Fundamental, isto é, lecionaram a vida toda na alfabetização de crianças, e que o professor Silva lecionou no MOBREAL, alfabetizando jovens e adultos.

Atualmente, todos estão aposentados e continuam atuando em outras áreas profissionais, com exceção do professor Silva, com 82 (oitenta e dois anos), que mora com uma filha e uma neta estudante de Direito. As demais alfabetizadoras exercem as seguintes funções: Fernandes, hoje, é supervisora educacional da rede estadual de ensino, no final de carreira, pois atuou nessa função, paralelamente à ação de alfabetizar. Seus filhos estudam em Belo Horizonte, o mais velho faz Engenharia de Controle e Automação, hoje se encontra na Alemanha, fazendo estágio; o mais novo cursa Ciências Biológicas, com especialização em Biogenética. Gonçalves é comerciante, possui uma loja de vestuários e acessórios femininos no bairro em que mora. Seus filhos já estão formados, um é dentista e o outro, o mais novo, é advogado. Vieira tem dois filhos, um é formado em Ciências Contábeis e o outro em Direito. Ela é recepcionista do filho que exerce a função de advogado.

3 Alfabetizadora Fernandes

Fernandes nasceu em Patos de Minas, é casada, tem dois filhos, sua mãe mora com ela. Atualmente, seus filhos estudam em Belo Horizonte. Aos três anos, mudou-se com sua família para a zona rural, num vilarejo denominado Galena, Distrito de Presidente Olegário que confronta com o município de Patos de Minas. Seu processo de alfabetização aconteceu de maneira informal, porque nesse período ela morava perto da escola, como relata:

Eu morava bem próximo à escola que era pequena, com três salas de aula. Como era vizinha, e não tinha o que fazer ficava por ali, sapeando, olhando pela greta da porta, subindo nas janelas, enquanto a professora dava aula. Estava com seis anos quando, de repente, perceberam que eu já sabia ler, de tanto sapear por ali. [...] Lembro-me, também, na época de escola de participar de teatrinhos, havia muitos teatros, e até me lembro de algumas canções, de alguns números que a gente fazia, por lá, na época (FERNANDES, 2005).

Seu processo de alfabetização foi prazeroso por causa da metodologia trabalhada, não houve sofrimento para que esse processo acontecesse. Ela conviveu, na 1ª série, época em que uma grande maioria de crianças aprendia a ler com outras crianças mais velhas. Com oito anos, a família mudou-se para Patos de Minas e, por problemas de saúde, não frequentou a escola por um ano. Seus pais lhe compraram livros para que ficasse quieta. Relatou também que a família dava muito valor à educação, uma vez que seu pai era analfabeto, e como comerciante do meio rural, ela realizava anotações e aprendeu “a fazer contas de juros” com ele (grifo nosso).

Na formação básica, fez o Curso Normal que era específico para a formação de professores que atuariam somente nas quatro primeiras séries. Uma das professoras que a marcou muito foi Dona Filomena de Macedo Melo, professora de Didática, que também lecionava Prática de Ensino. Ela era diretora da Escola Normal, que tinha classes anexas com o intuito das normalistas fazerem seus estágios. Destacou, também, a importância da Psicologia, da Biologia, da Matemática, que davam um enfoque para a formação do professor.

Fernandes, a única colaboradora que fez o curso superior, em Patos de Minas, habilitando-se em Administração. Ressaltou que a disciplina Metodologia da Língua Portuguesa não dava ênfase para a alfabetização. Fez nova habilitação, em Itaúna/MG, na área da Supervisão Educacional.

Essa alfabetizadora fez curso de pós-graduação lato sensu, cuja ênfase foi em Alfabetização. Ela sinalizou a importância desse curso para sua trajetória profissional como alfabetizadora:

Esse curso lá em Belo Horizonte me ajudou muito, foram vários módulos e neles o assunto foi só mesmo alfabetização. [...] Aí a gente via tudo, anotava e essas anotações eram levadas para a sala de aula, depois que assistíamos às aulas, a professora da sala era convidada a participar do debate e discutir tudo o que tínhamos visto e sanar as nossas dúvidas a respeito do que ela havia apresentado (FERNANDES, 2005).

Analisamos na trajetória dessa alfabetizadora, especificamente na sua formação continuada, que ela participou de vários cursos de quarenta ou oitenta horas. Esses cursos influenciaram sua prática pedagógica, como afirma nesta narrativa: “[...] a cada curso que eu ia fazendo, a cada material que me era disponibilizado para ler e estudar, isso foi mudando a minha visão a respeito de alfabetização, a respeito da minha prática” (FERNANDES, 2005).

A sua entrada na carreira, isto é, o tateamento nos dois primeiros anos, foi no meio rural, sem material de apoio. Tinha como suporte para suas aulas os relatórios elaborados nas aulas práticas do Curso Normal. Depois, veio lecionar no meio urbano, com turmas de primeira série. O método de alfabetização era imposto de forma vertical. Trabalhando em turmas com ritmo diferenciado de aprendizagem, pôde experimentar outros métodos de alfabetização, por iniciativa própria, tendo em vista o perfil dos alunos. Foi possível constatar que Fernandes buscava interagir com as demais colegas alfabetizadoras, a partir de encontros no coletivo, bem como sua

disponibilidade em repassar os saberes construídos na sua prática, como fica explícito em sua narrativa:

[...] com as colegas, às vezes quando a gente planejava junto aquilo que eu experimentava e achava que dava certo, eu colocava para elas, aquilo que eu experimentava e achava que não foi muito bem, então, a gente voltava atrás, replanejava, repensava o que poderia fazer, posteriormente [...] A minha vida toda foi muito atirada, nunca esperei as coisas virem para mim. Então aconteceu o seguinte: eu tentava organizar o meu trabalho, os meus planos, as minhas atividades e essas atividades que eu preparava é que serviam de apoio para as minhas colegas (FERNANDES, 2005).

Em relação à metodologia, como enfocamos anteriormente, Fernandes possui experiências diversificadas com alunos, assim, usou variadas formas de alfabetizar, o que possibilitou realizar novas descobertas no campo da alfabetização, teorizou a sua prática, utilizou modos e recursos dos mais variados para alfabetizar seus alunos. No início, afirmou que encontrou muitas dificuldades com material de leitura e escrita, pois era escasso, usou o livro de Literatura Infantil Pérolas Infantis (autor desconhecido). Contava e recontava as histórias, recortava textos de livros velhos e reescrevia-os no quadro, usava textos criados pelas crianças ou por ela mesma.

Fernandes fez uma avaliação positiva de sua prática, na época em que foi alfabetizadora. Caso iniciasse hoje, faria diferente da forma como começou, mas com a mesma força de vontade e curiosidade de estudar:

“Ser alfabetizadora” (grifo nosso) foi a sua vida, viveu e se preparou para esta função. Mas isto tem um significado para ela como relata: “acho que não ensinei ninguém a ler e escrever, eu acho que as pessoas, elas é que de repente descobriram que sabiam ler e escrever” (FERNANDES, 2005).

4 Alfabetizador Silva

O alfabetizador Silva nasceu no meio rural, na localidade Mata do Brejo, município de Patos de Minas. É filho de um lavrador e sua mãe trabalhava também na roça, “serviços de mulher”, como diz ele. Tem três irmãos e uma irmã de criação.

Casou-se aos 21 anos de idade, só no religioso, e teve dois filhos: Antônio Afonso da Silva e Celina Maria da Silva. A esposa o abandonou e ele, sozinho, cuidou dos filhos. Celina fez o 2º grau, o filho estudou até completar a quarta série, com a professora Dona Margarida Maria Lacoc. Depois, ele não disse para onde seu filho foi: “tomou seu destino para lá”.

Seu processo de alfabetização foi numa escola particular, com oito anos de idade. A metodologia com a qual ele aprendeu a ler, conforme sua narrativa, foi a seguinte: “primeiro a carta de sílaba, depois cartas de nome, e as cartas de fora”. Com doze anos de idade, em outra escola, acabou de estudar as cartas de sílabas, as cartas de nomes e, depois, as cartas de fora, ou seja, eram cartas de pessoas que o professor dele recebia. Estudou, também, na Cartilha Nacional. De quatorze para quinze anos

estudou noutra casa particular muito pouco tempo e parou. Fez outros estudos por conta própria e estudou em livros que ele mesmo comprava.

O alfabetizador Silva teve boas recordações das escolas em casas particulares. Lembra que os professores eram bons, mas bravos e castigavam. Os colegas eram muito bons e alegres. Revela que os alunos gostavam muito de brincadeiras, como expressa no seguinte relato:

[...] das brincadeiras, também, porque o professor João Pinto gostava muito de brincar junto com os alunos. Ele era muito nervoso, mas era ótimo, brincava junto com a companheirada. Nessa ocasião, estudei bastante, e a recordação que eu tenho é só essa brincadeira. E por último, em outra escola que estudei, o professor já era velho, até era um casado com minha tia, chamava-se Raimundo Gonçalves. Nesta também os alunos eram grandes, estavam com quinze anos. Nós brincávamos muito, íamos lá pra represa, nadava bastante e brincava (SILVA, 2005).

Outra lembrança prazerosa para ele foi um desafio, cujo nome era “grumento”, que significa, segundo suas explicações, “*ser o rei da turma*”. Dessa brincadeira os alunos gostavam demais, principalmente ele, porque esse jogo, ou desafio, ganhava, nunca deixou de acertar.

A memória revelada sobre sua alfabetização foi a de um professor que ensinava, via cartilha, as sílabas. A cartilha daquele período era denominada Carta, assim ele narrou:

[...] o início da primeira escola que eu tive, comecei primeiro com o professor que ensinou o A B C; fiquei uns três dias até dar conta de aprender o A B C. Depois que ele começou deu o B A –BA, ai eu terminei de ler o B A – BA; tinha [...]. Assim foram todos aqueles tipos de escritas que têm pra gente escrever; o professor, sempre, me ensinou. Lá nessa outra escola foi que eu aprendi tudo; passei a estudar as cartas de nomes: o professor escrevia um papel cheio de tudo quanto é nome, e a gente ia estudando, a hora que a gente terminava tudo, passava a leitura junto com ele, pra saber se a gente já sabia essa leitura. Depois pegou a dar as cartas de fora: as cartas de fora eram assim: recebia cartas de amigos de um outro local, então ele pegava aquelas cartas e dava para os meninos estudarem. Depois passou uns tempos e pensei que essas cartas de fora num foi um estudo muito bom, não, porque todo mundo escrevia com dificuldade, falhava muita coisa; então os alunos aprendiam errado, muitas coisas erradas. Por isso nunca concordei com essas cartas de fora (SILVA, 2005).

Depois que terminou essas cartas de fora, ele passou para o segundo ano, estudou numa terceira escola e passou para o terceiro ano, na quarta escola estudou o quarto ano. Quando terminou, estudou sozinho. E, assim, ele nos narrou sobre esse período:

Sr. Salvino Antônio Gomes, zelador e presidente do apostolado da oração, lá da Mata do Brejo, fazia sempre a assinatura do Mensageiro do Coração de Jesus e quando ele acabava de fazer a leitura, ele me passava a revista; fui lendo isto foi bastante tempo, sempre lendo, lendo até que dei conta de desenvolver bastante a minha leitura. Ele me dava as revistas e eu lia sozinho, depois que acabava de ler aquela revista, toda, tornava

a devolver pra ele. [...]A hora que eu acabei tudo é que eu passei a comprar livro e estudar. [...] Foi onde ele viu que eu gostava muito de fazer leitura, e ele me deu essas revistas para que eu pudesse ler (SILVA, 2005).

A sua formação básica foi do ensino do primeiro grau e, com essa escolaridade, ele lecionou da primeira à quarta série do primeiro grau, numa escola municipal, na localidade de Mata do Brejo. Na formação continuada, o alfabetizador Silva estudou na Escola Normal, com a Dona Filomena, que distribuiu alguns livros para os alunos. Com esses livros, conseguiu fazer os estudos necessários, e Dona Filomena o avaliou.

Silva, assim como muitos outros alfabetizadores, cursou o magistério do segundo grau no final da sua carreira, em 1983, modalidade de ensino supletivo. Obteve, dessa forma, a habilitação específica do segundo grau para o exercício do magistério. Não teve uma preparação especial para alfabetizar, como também não pôde fazer curso superior.

Na formação continuada, a Prefeitura Municipal de Patos de Minas oferecia cursos de atualização, sempre no início de cada ano escolar. Ele participou desses cursos durante trinta anos. Em relação à alfabetização, a primeira vez que recebeu orientações foi sobre o método global de contos: o livro era *Os três porquinhos*.

Na história da alfabetização, existem dois métodos de alfabetização: o Sintético e o Analítico e vários processos oriundos dos dois métodos. Todos os processos foram denominados pela cultura escolar de métodos de alfabetização. O global de contos pertence ao grupo do método analítico. Nesse processo, cabe ao alfabetizador orientar as ações do aluno, no sentido de transformar os sinais gráficos em sinais sonoros; parte da análise do todo para os elementos mínimos, dessa forma, alfabetiza-se partindo do texto à palavra.

Silva conta que os cursos dos quais participou modificaram, no início, sua prática. De vez em quando, na formação continuada, ofereciam alguma prática que parecia uma boa receita, pois renovava a metodologia do ensino de Geografia, de Matemática, como também sobre avaliação.

Na sua trajetória como alfabetizador, ele encontrou um aluno que, após um diagnóstico, o encaminhou para estudar numa escola em Patos de Minas, pois tinha muita facilidade. Atualmente, esse ex-aluno é engenheiro em Ituiutaba, cidade que compõe a região do Pontal do Triângulo Mineiro no Estado de Minas Gerais.

O alfabetizador Silva construiu seus saberes com os colegas, com as professoras de Patos, com os livros que comprava e com os cursos de formação continuada. O livro de Metodologia do Ensino Primário que ele comprou ajudou-o muito, assim como um livro de Aritmética Progressiva. O alfabetizador não lembra dos detalhes editoriais do livro.

No início de sua trajetória como alfabetizador, sem documentação para lecionar, começou a dar aula particular no meio rural em casas particulares. Na prefeitura, iniciou em 10/08/1959, no meio rural, na localidade chamada Mata do Brejo. Trabalhou como docente durante 30 anos, somente nessa localidade, numa Escola Rural Mista “Eduardo Noronha” que, depois, foi denominada Escola Municipal “Eduardo Noronha”. Um colega de trabalho que marcou sua vida profissional foi o professor Sebastião, com quem trocava experiências.

Na docência como alfabetizador, sua metodologia para que os alunos lessem e escrevessem era a seguinte: fazia uma leitura com eles, em seguida os alunos liam sozinhos. Depois ele ia dar aulas para as outras turmas, porque trabalhava com classes multisseriadas. Conforme suas lembranças, o que fez bem feito foi a alfabetização, a leitura e a escrita. Os textos que levava para a sala de aula eram dos seus livros.

Para alfabetizar, usou durante quase toda sua carreira as cartilhas, utilizou, também, o método global de contos *Os Três Porquinhos*, da autoria de Lúcia Casasanta. O material do alfabetizador, para a fase do conto, constituía de treze cartazes em tamanho grande, com desenhos e escrita, mas os dos alunos eram menores. Ao terminar a apresentação dos cartazes, os alunos já liam alguma coisa.

A avaliação que o alfabetizador Silva faz de sua prática é que sempre trabalhava com muita boa vontade, gostava muito de trabalhar como educador. O que ele mais lembra era ver que os alunos também ficaram muito satisfeitos com o seu trabalho.

“Ser alfabetizador” (grifo nosso), para Silva, significou muita alegria, satisfação, porque não só ensinou, mas também aprendeu, como diz ele: “[...] aprendi mais do que eu ensinei para os alunos”. Tem como realização pessoal e profissional a contribuição que deu para o ensino primário, no meio rural, alfabetizando, porque quando começou a lecionar, quase ninguém sabia ler, nem escrever, e hoje, na localidade, ninguém mais é analfabeto. Dessa forma, a comunidade o homenageou com duas placas, com os seguintes dizeres:

Ao Sr. Maurício Severo por esses trinta anos dedicados à escola, queremos parabenizá-lo pelo seu esforço e dedicação, felicidades. Pais, alunos e professores da escola municipal Eduardo Noronha Mata do Brejo 15 de dezembro de 1.989. Professor Maurício, educar tarefa que exige amor dedicação e doação de si mesmo, temos certeza de que você fez isso durante esses vinte e cinco anos de trabalho, hoje trazemos a você o reconhecimento e a gratidão da Prefeitura Municipal, Patos de Minas outubro de 1.989 (SILVA, 2005).

O lugar que a escola ocupa na vida dos alfabetizadores possui um forte sentido para eles, porque as lembranças de seus primeiros anos de escolaridade estão vivas em suas memórias. As lembranças têm um sentido singular, o que é importante para um nem sempre se manifesta da mesma forma para outro. A diversidade de lembranças justifica-se pelos diferentes modos de ver o passado com o olhar do presente, pelas diferentes maneiras de interpretá-lo, segundo as vivências, o que nos leva a crer na afirmação de Bosi (1998, p. 411): “por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele significativos dentro de um tesouro comum”.

Dessa maneira, o que cada alfabetizador lembrou de sua trajetória, desde o processo de alfabetização nos espaços escolares e fora dele, evidencia a apropriação e a elaboração particular daquilo que também vivenciou numa dimensão coletiva, já que o modo de lembrar é tão individual quanto social (BOSI, 1998), pois a memória individual liga-se aos grupos de convívio que, por sua vez, liga-se à memória da sociedade (HALBWACHS, 1990).

Para ilustrar o que apresentamos, podemos afirmar que todos os colaboradores se lembram de como foram alfabetizados, dos procedimentos metodológicos utilizados. No entanto, nem todos reproduzem as posturas que vivenciaram. Isso se evidencia em seus relatos.

A alfabetizadora Fernandes, por exemplo, traz recordações de quando foi alfabetizada de maneira informal:

Morava bem próximo à escola que era pequena, com três salas de aula. Como era vizinha, e não tinha o que fazer ficava por ali, sapeando, olhando pela greta da porta, subindo nas janelas, enquanto a professora dava aula. Estava com seis anos quando, de repente, perceberam que eu já sabia ler, de tanto sapear por ali. [...] O processo de alfabetização foi muito prazeroso, porque eu convivia com crianças bem mais velhas do que eu, que era a mais nova lá da, não houve dificuldade, não houve sofrimento, para que a alfabetização acontecesse (FERNANDES, 2005).

Quando solicitamos a essa alfabetizadora que falasse sobre suas primeiras experiências com alfabetização, das dificuldades que enfrentou, constatamos que ela trazia uma postura de iniciativa frente ao novo, mas quando o método era imposto pela escola, a colaboradora deixa claro que o seguia, apesar de suas experiências anteriores terem lhe ajudado muito:

A vida da gente como profissional eu acho que é uma história; é claro que os dois primeiros anos de aula que eu dei aula lá na roça, não tinham material nenhum, não tinha nada, e a minha fonte de pesquisa era os relatórios que eu havia feito no Curso Normal, quando eu assistia às aulas práticas [...] E mais tarde, quando eu já estava aqui em Patos [...] deram-me turmas de primeiro ano, mas era imposto um determinado método de trabalho, de alfabetização (FERNANDES, 2005).

Outra narrativa que nos chamou a atenção, nesse sentido, foi a da alfabetizadora Vieira. O seu processo de alfabetização transcorreu tranquilo, conforme relatou:

Fui alfabetizada pelo livro de Lili. Era um pouco de conto porque a gente ficava conhecendo a história, a gente trabalhava muito com as palavras e com sílabas e eu aprendi a ler rapidinho. Falo que não tive dificuldade nenhuma em aprender porque tinha muita vontade, me lembro que a gente fazia muito teatro, contava muita história, poesias e acho que isso tudo enriquece, ajuda na hora de ser alfabetizada, na primeira série (VIEIRA, 2005).

Essa alfabetizadora trabalhou com o método global de contos, praticamente, o período em que alfabetizou. Pude assistir às suas aulas na Escola Normal, em que me formei no magistério, e percebia que a metodologia com que alfabetizava lhe dava prazer, apesar de ser um método que a escola pré-definia:

[...] a minha primeira experiência foi muito boa, eu me lembro que as aulas tinham início em fevereiro e nós ficamos encarregadas [...] de apresentar o teatro de aniversário da Escola Normal, em 5 de maio [...] a minha turma apresentou o teatro lendo porque o

peçoal foi todo alfabetizado, porque tem gente que costuma falar assim: eu morro de medo do meu filho não aprender a ler''. Então eu falo assim: não, leitura é a coisa mais simples que existe, a coisa mais fácil é aprender a ler, tanto que os meus dois filhos, um eu ensinei em casa, e o outro aprendeu comigo dando aula particular para os meninos (VIEIRA, 2005).

Entendemos que as narrativas dos alfabetizadores evidenciam a inserção do vivido em seu presente numa perspectiva de que, mesmo que o acontecido tenha sido finito, enquanto acontecimento que pertence à esfera do que viveram, aquilo de que elas lembram não tem limites e se comporta como chave para o que veio antes e depois (BENJAMIM, 1986). Assim, as lembranças configuram-se como possibilidades até mesmo para subverter o que é recordado, comportando-se como chaves, que podem fechar certas coisas e abrirem outras, que viabilizam contrapontos e tomadas de decisões.

5 *Alfabetizadora Vieira*

Vieira nasceu na cidade de Patos de Minas, é a filha mais velha de oito irmãs, todas fizeram o magistério e seis delas foram e são professoras. Casada, tem dois filhos formados em cursos superiores, Ciências Contábeis e Direito. Está aposentada, mas continua auxiliando seu filho no escritório de advocacia no período da tarde.

O início de sua vida escolar foi na única Escola Estadual da época, em 1952. Seu processo de alfabetização aconteceu de forma tranquila, sua professora utilizou o método global de contos: *Lili, Lalau e o Lobo*. Vieira narrou sobre a importância de ser alfabetizadora:

[...] naquela época o professor era muito valorizado, quando a gente ouvia falar a fulana ou a da fulana é uma professora, para os pais e o pessoal da família era como se fossem Doutores hoje [...] A minha primeira professora [...] era minha vizinha, uma pessoa muito tranquila, abraçou o magistério mesmo por vocação (VIEIRA, 2005).

Por isso, quis a carreira docente desde criança. Lembrou-se das brincadeiras de dar aulas e da admiração que tinha pela sua primeira professora. Sobre como foi alfabetizadora, Vieira se lembra dos momentos prazerosos e lúdicos que a marcaram:

[...] junto com o processo de alfabetização eu me lembro que a gente fazia muito teatro, contava muita história, poesias e, acho que isso tudo enriquece ajuda na hora de ser alfabetizada, na primeira série [...] A gente contava histórias e representava [...] a professora sempre nos incentivava o teatro. Uma vez nós apresentamos uma peça que falava do Sítio do Pica-Pau Amarelo, com os personagens da Narizinho, da Emília, do Rabicó, e isso teve uma repercussão tão boa [...] A partir daí a gente começou sempre a fazer teatro e apresentações [...] tenho boas lembranças da minha época de alfabetização [...] dos teatros, das festas, era assim uma espécie de festival, havia canto tudo isso me marcou muito (VIEIRA, 2005).

Após a fase da alfabetização, o que marcou suas lembranças foram os colegas, companheiros em que a mãe confiava para que pudesse sair, o método das outras

disciplinas, como em Ciências, que ela contou sobre a “metamorfose do bicho da seda e do sapo”, aulas em que se usava o método científico. Gostava de literatura porque foi incentivada à leitura e, também, ao realizar apresentações teatrais: “[...] eu li e continuo lendo até hoje, foi um hábito que eu passei lá pra minha casa [...]”.

Na sua formação básica, fez o Curso Colegial Normal. Além das disciplinas específicas para o magistério das quatro primeiras séries, no currículo constava Física e Química. Tinha aulas de manhã, com aulas expositivas, copiava-se o programa da SEE/MG, e à tarde o estágio de observação e de intervenção, sempre com a presença da professora de Didática, Dona Filomena, nas classes anexas. Vieira não falou sobre a formação específica para ser alfabetizadora no Curso Normal. No entanto, deixou claro que a postura tradicional dos seus professores lhe deixou marcas:

Então nós éramos avaliadas, pelas dissertações, pelos experimentos, e dificilmente uma coisa que modificou muito no decorrer do tempo que eu estudei para o tempo que eu fui educadora, foram as excursões [...] na minha época, era mais o falatório mesmo, a gente falava e decorava, você não tinha oportunidade pra conhecer [...] (VIEIRA, 2005).

A alfabetizadora Vieira não fez curso superior, apesar de ter prestado vestibular duas vezes, porque se casou e vieram os filhos; além de que lecionava em dois períodos.

Na sua formação continuada, no decorrer de sua trajetória de alfabetizadora, Vieira participou de vários cursos, com palestrantes de renome nacional e internacional. Ela nos narrou como os cursos modificaram sua prática, porque foi adequando o material que recebia às necessidades dos alunos. A escola em que trabalhava, denominada Escola Normal Oficial, formadora de profissionais da educação das quatro primeiras séries, tinha suporte pedagógico do Instituto de Educação de Minas Gerais, como relata:

[...] na Escola Normal nós estávamos agregados, vinculados ao Instituto de Educação Superior de Belo Horizonte o pessoal vinha a Patos de Minas pra trazer tudo que a gente precisava, naquela época. O material que eu ia trabalhar, como eu ia passar aquilo pros meninos, era uma espécie de supervisão que a gente tem hoje, então era uma orientação que a gente recebia do Instituto de Educação (VIEIRA, 2005).

A entrada na carreira, ou melhor, sua primeira experiência como alfabetizadora foi na escola em que se formou, em Patos de Minas, situada no meio urbano. Iniciou substituindo sua ex-professora. Suas lembranças demonstram entusiasmo, mas ao mesmo tempo responsabilidade, compromisso, preocupação. Segundo sua narrativa:

[...] a minha primeira turma de alfabetização, apesar de ter sentido dificuldade, peguei a coisa rápido porque no período preparatório já fui me soltando [...]era uma novata que estava começando e com gente pra assistir aula na minha sala, porque fui pra classe de demonstração. Então tinha uma preocupação, mas tive muito apoio, a Dona Filomena era exigente, mas apoiava, estava sempre disponível pra tudo que você precisasse. Os primeiros seis meses eu ficava única e exclusivamente por conta da escola, não ia mais em lugar nenhum, acabou tudo: passeio, tudo quanto há, porque até que eu

coordenasse o material e me engajassem na aula, tive um pouco de dificuldade porque quando a gente aprende uma coisa na teoria e a prática é completamente diferente [...] (VIEIRA, 2005).

Além disso, a alfabetizadora lembra que, apesar da turma ser de um meio socioeconômico e cultural bom, havia crianças provenientes da classe popular, mas que aprendiam como os outros, porque “[...] se o menino não tem deficiência nenhuma ele aprende a ler normalmente igual a todo mundo”. Ela demonstra o orgulho que sente quando encontra com seus ex-alunos e alguns já cursaram o Ensino Superior e recordam o tanto que escreviam, por causa do método, e que têm facilidade na leitura e na escrita.

Na sua trajetória como alfabetizadora, ela construiu seus saberes com as orientações da diretora, com suas irmãs, professoras, com as especialistas, supervisoras, nos cursos, em periódicos, nos livros e experiências de outras escolas. Na prática pedagógica com a alfabetização, ela usou sempre o método global de contos, porque o que ela aprendeu sobre como alfabetizar foi no estágio, ao cursar o Magistério. E nesse estágio, na alfabetização, era utilizado esse método. Os recursos que ela usou foram: o mimeógrafo, o material próprio do pré-livro “Os três porquinhos”, as leituras intermediárias, o livro básico, os murais com as histórias dos alunos, o xerox, o computador, o vídeo. Na realidade, ela foi se atualizando à medida que houve avanço na tecnologia e na comunicação.

A alfabetizadora fez uma avaliação positiva da sua prática na alfabetização, revelando que “[...] eu fiz de coração, porque eu amava, acreditava no que fazia, [...] sei que fiz um bom trabalho [...] porque se alguém reconhece e fala, é porque o trabalho foi bem feito”. Ser alfabetizadora foi seu sonho realizado, porque quis sempre ser professora, “[...] se pudesse começar de novo queria ser alfabetizadora, porque amei, pra mim valeu muito porque gostava. Meu filho mais novo aprendeu a ler comigo acompanhando o meu trabalho em casa, vejo isso como algo muito positivo na minha vida”.

6 Alfabetizadora Gonçalves

Gonçalves nasceu na localidade Serra dos Queiroz, no meio rural, município de Patos de Minas. Seu pai era lavrador e sua mãe fazia trabalhos domésticos e tiveram 10 filhos. Dos seus irmãos, somente três estudaram até a 8ª série, os outros tiveram poucos estudos. Tem dois filhos que fizeram curso superior de Direito e de Odontologia, ambos foram alfabetizados por ela. Para estudar, Gonçalves veio para a cidade, trabalhava de babá durante o dia e estudava à noite.

Seu processo de alfabetização aconteceu de forma tranquila, mas percebemos que sua vida foi sofrida, porque, ainda jovem, tinha que trabalhar. Contou com a solidariedade dos colegas e da professora, como narra:

[...] minha primeira professora foi Dona Vita [...] por volta de um ano e pouquinho, que eu me alfabetizei [...] era uma maravilha você sentir que está descobrindo as primeiras leituras, as primeiras palavras, Dona Vita era entusiasmada, a turma era muito amiga,

solidário uns com os outros [...] e não tinha muito tempo de brincar não, era só estudar mesmo. Levava as tarefinhas para casa e fazia; se tinha dificuldade, procurava os vizinhos, os amigos, minhas colegas para fazer sempre correto, sempre fui muito estudiosa e gostava de fazer as coisas certas, e tudo em dia (GONÇALVES, 2005).

Compreendemos que Gonçalves se lembra dos primeiros anos de escolarização com boas recordações. Mas constatamos que somente pela força de vontade que ela demonstrou ter que continuou a estudar. Pois narrou que passou a estudar numa Escola Estadual, também à noite. Suas lembranças ligam-se aos colegas, à tia que a acompanhava, às professoras, à metodologia usada, aos eventos da escola. Seu desejo de ser docente foi observando suas professoras dar aulas, como nos relatou:

[...] já era menina moça, imaginava quando a professora estava ali, escrevendo no quadro, e sonhava: daqui algum tempo será que é eu que vou estar lecionando igual a Dona Abadia, ali na frente? Era o meu sonho, eu sempre brincava de escolinha, queria ser a professora, estar explicando. Meus colegas; eles ficavam todos criticando de mim. Fui crescendo com essa intuição, com esse sonho de ser sempre uma professora [...] (GONÇALVES, 2005).

Após concluir a 6ª série, com 16 anos, Gonçalves retornou para o meio rural, iniciando sua carreira docente, pela Prefeitura Municipal. Como não poderia lecionar com essa idade e, portanto, nem receber salário, sua tia, com mais idade, assinava o ponto e a documentação dos alunos, legalizando a situação.

A colaboradora, já morando no meio rural, não desistiu de seu objetivo e sonho, continuou estudando e concluiu a 8ª série por meio do ensino na modalidade supletivo. Sua formação básica para o exercício do magistério das quatro primeiras séries foi concluída, também, pelo ensino supletivo. Assim, ela nos narrou: “[...] os professores passavam pra gente os livros, então estudava vários dias em casa. Depois que dominava aquela matéria, fazia a prova [...]”. Ela não fez Curso Superior porque se sentiu impossibilitada, uma vez que era casada e tinha que cuidar dos filhos.

Entendemos que, na sua formação continuada, seus estudos se intensificaram. A alfabetizadora fez cursos, participou de congressos e estudou, também com as supervisoras Lenita Eustáquia de Mello e Madalena Maria do Valle e com a pesquisadora, pois foi sua supervisora nesse período. Os cursos dos quais participou modificaram sua prática pedagógica, segundo afirma: “[...] ficou mais atualizada, moderna, aprendeu a alfabetizar com mais eficiência e rapidez, lecionava com mais vontade, alegria, e as aulas eram prazerosas”.

A entrada na carreira como alfabetizadora foi como professora leiga, aos 16 anos, na zona rural. Para ela, a palavra leiga a entristecia, pois o sonho era fazer o Magistério. Inexperiente, trabalhando com turmas de alfabetização em salas multisseriadas, no meio rural, encontrou dificuldades que aos poucos foram sendo superadas com sua própria prática pedagógica e com a troca de experiências com os colegas.

Nesse sentido, essa alfabetizadora construiu seus saberes, inicialmente sozinha, depois por meio de livros e com trocas de experiências com outros alfabetizadores. Os alunos, o cotidiano da sala de aula e, também, os parceiros de trabalho auxiliaram

nessa construção. Após transferir-se para Patos de Minas, reunia-se com alfabetizadores para planejar e estudar, assim o trabalho era realizado com mais facilidade.

Compreendemos que, nas suas lembranças das primeiras escolas, locais em que lecionou, sentia-se sozinha, pois “[...] eu era sozinha, não tinha a quem recorrer, também eu era tudo ali: diretora, professora, orientadora, mãe, pai, arrumadeira”. Passou por algumas escolas no meio rural, numa delas já tinha colegas, como narrou: “lá éramos três: eu, a Abigail e a Elmira. Foi bem melhor de trabalhar, tinha sala individual para cada turma. A Abigail era amiga, tinha experiência, ali era prazeroso e o trabalho era agradável”. Outro momento, em outra época, a alfabetizadora foi trabalhar numa escola nucleada, “uma das melhores escolas, as turmas eram seriadas, as colegas amigas”. A comunidade escolar campesina deixou lembranças positivas, pois a alfabetizadora, assim, nos relatou: “temos várias lembranças boas: os pais eram maravilhosos, o pessoal do meio rural, geralmente, são pessoas bondosas, humildes, dedicados, que valorizam muito o professor”. Gonçalves aposentou-se trabalhando numa escola municipal do meio urbano. As colegas que a marcaram nesse período foram: “[...] a Célia, a Eunice e a Sônia. Quando encontrava dificuldade, discutia qual a melhor maneira de dar aquela matéria [...]”.

Ao iniciar sua carreira, Gonçalves utilizou cartilha, depois, com o decorrer do tempo, com a troca de experiências com colegas e com os cursos que fez, sua prática foi se modificando: “depois eu passei a utilizar esses métodos mais modernos que eram jogos, baralhinhos, recortes de jornais e revistas e etc.”. Ao narrar sobre suas lembranças positivas a respeito da alfabetização, ela lembrou que:

[...] minhas experiências bem sucedidas são às vezes que eu penso como que eu achava que uma determinada criança ia demorar a aprender a ler, a ser alfabetizada [...] depois você vê eles descobrindo as primeiras leituras, as primeiras letrinhas e formando para a gente aquela leitura, não tem como esquecer (GONÇALVES, 2005).

Relatou com orgulho que utilizou variados recursos, começando com a cartilha, depois jogos, baralhinhos de letras, jornais, revistas, poesias e histórias. Ser alfabetizadora, para Gonçalves, “[...] foi porque corri atrás e esforcei o máximo, pois queria realizar o meu sonho de ser uma professora [...] Eu aprendi com os alunos, mas eles aprenderam muito comigo também, e fico feliz de saber que contribuí para alguém ser feliz, descobrir a leitura, e as maravilhas que a leitura traz para si, para alma do ser humano”.

Gonçalves avaliou sua prática de alfabetização como válida, pois vários de seus ex-alunos são homens e mulheres bem sucedidos, com curso superior, inclusive seus dois filhos, que foram alfabetizados por ela e fizeram Odontologia e Direito.

7 Considerações finais

Os alfabetizadores não devem ser vistos como objetos de pesquisa, mas como profissionais que adquiriram e detêm saberes específicos às suas atividades. Faz-se necessário, portanto, considerar sua subjetividade a partir da posição de Tardif (2002),

quando pontua que a subjetividade dos alfabetizadores não se reduz somente à cognição ou à vivência pessoal, mas remete à categoria, às regras e às linguagens sociais que estruturam e configuram a experiência dos atores nos processos de comunicação e de interação escolar.

Nessa perspectiva, o pensamento, as competências e os saberes dos alfabetizadores não se constituem em realidades estritamente subjetivas, já que são socialmente construídas e partilhadas. Os alfabetizadores, enquanto sujeitos da pesquisa, também não se configuram como um objeto, mas como indivíduos potenciais na melhoria da qualidade do ensino a partir de sua subjetividade.

Consideram Tardif, Lessard e Lahye (1991) que, no exercício cotidiano de sua função, o professor defronta-se com vários limites concretos que não são, muitas vezes, previsíveis e passíveis de uma definição acabada. O alfabetizador, enquanto docente, desenvolve habilidades pessoais, tais como capacidade de improvisação, macetes, gestos, atitudes e estilos que possibilitam vencer as barreiras e construir uma maneira própria de ensinar.

Nessa perspectiva, os saberes do profissional que atua na alfabetização, que servem de base para o ensino, provêm de diferentes fontes, tais como: a formação inicial e continuada de professores, o currículo e a socialização escolar; do espaço do conhecimento das disciplinas a serem ensinadas; da experiência na profissão, a cultura pessoal profissional, a aprendizagem com os pares.

Os alfabetizadores relatam que suas primeiras experiências não foram fáceis, mas contaram com a ajuda de colegas, supervisoras, diretoras. Há, sem dúvida, um entusiasmo inicial, mas um confronto inevitável com a complexidade da sala de aula ainda. É comum que as iniciantes peguem as turmas de alfabetização, ou com um nível maior de dificuldade nas questões disciplinares ou de aprendizagem. Essas situações aparecem nas narrativas dos colaboradores, mas sobrevivem aos embates com a realidade escolar pelo desejo de vencer, por acreditar que é possível realizar um bom trabalho e pelo apoio dos que já têm experiências a compartilhar. Mas é uma fase tensa, em que se confrontam o real com os sonhos e as aspirações.

Esperamos que essa investigação possa trazer contribuições para o processo de formação inicial e continuada dos alfabetizadores. Dessa forma, o estudo sinaliza para a adequação do currículo do curso de pedagogia, como também dos cursos de formação continuada e, assim, fornecer subsídios teóricos e práticos aos alfabetizadores, instrumentalizando-os para que realizem uma prática de alfabetização adequada ao contexto da escola, da criança, do jovem e do adulto reais, não imaginários.

Referências

BENJAMIM, Walter. O narrador e sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 197-232.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. 6.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FONSECA, Selva Guimarães. Saberes da experiência, histórias de vida e formação docente. In: CICILLINI, Graça Aparecida e NOGUEIRA, Sandra Vidal (orgs.). *Educação escolar: políticas, saberes e práticas pedagógicas*. Uberlândia: EDUFU, 2002. p. 85-102.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; LAHAYE, Louise. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. In: _____. *Teoria e Educação*, n.4, Porto Alegre: Pannônica, 1991.